

SUBMISSÃO X AUTONOMIA: MULHERES MACHADIANAS: VOZES EMBARGADAS? NEM TANTO

Cátia Oliveira dos Santos
Elenilva Rodrigues Santos
Maria Cristina Freitas Mendes
Selmira Silva de Jesus

Resumo: Este artigo analisa a submissão x autonomia das mulheres nos romances, *Iaiá Garcia* (1978), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1900), obras estas do escritor Machado de Assis. Será destacada a autonomia das personagens femininas: Iaiá Garcia, Dona Valéria, Virgília, Capitu e Dona Fortunata, bem como, as artimanhas utilizadas por essas mulheres para fazer valer as suas vontades, pois os romances em análise apresentam o perfil de mulher do século XIX, ou sejam, mulheres que quando solteira devia obediência ao pai, e quando casada, passava a pertencer li O presente artigo assinala, através das leituras realizadas, que essas mulheres, não eram tão submissas, como era esperado para o perfil de mulher do século XIX. O presente trabalho fundamentado em teóricos como Beauvoir (2009), Ribeiro (2008) e Xavier (1986), mostra a autonomia de cada personagem supracitada, através das suas atitudes audaciosas, atrevidas e determinadas, para atingirem os seus objetivos, rompendo assim, com os padrões sociais da época. Essa proposta de pesquisa se justifica por ser uma contribuição ao campo da análise literária, podendo ser utilizada também, como modelo de roteiro de leitura para professores e alunos de Literatura e áreas afins.

Palavras - chave: Iaiá Garcia; Memórias Póstumas de Brás Cubas; Dom Casmurro; submissão e autonomia.

1. Introdução

Esse artigo tem como objetivo demonstrar a submissão x autonomia da personagem Iaiá Garcia e Dona Valéria do romance “*Iaiá Garcia*”, Virgília, da obra “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, Capitu e Dona Fortunata, de *Dom Casmurro*. Essas mulheres machadianas não eram totalmente submissas, como o perfil da maioria das mulheres do século XIX. As mulheres dessa época subordinavam-se à autoridade masculina com naturalidade, pois o modelo de família patriarcal era o único respeitado. Porém, as mulheres machadianas, analisadas no presente trabalho, faziam valer as suas vontades. Dessa forma, será analisado como essas personagens femininas se comportavam diante da submissão, para fazer valer a sua autonomia.

Sendo assim, a condição de submissão, dessas personagens femininas machadianas, não fazia na íntegra o estereótipo de mulher do século XIX, pois elas eram fortes, determinadas audaciosas, capazes de lutar com as artes de mulher inteligente para conseguir os seus objetivos.

2. Mulheres Machadianas: vozes embargadas? nem tanto

As mulheres apresentadas pelo escritor Machado de Assis nos romances, “*Iaiá Garcia*”, “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” e “*Dom Casmurro*” são mulheres do século XIX, ou seja, tinha em sua condição a submissão ao homem: quando moça devia obediência ao pai; quando casada, era o marido que exercia todo o poder sobre ela. Entretanto, muitas mulheres dessa época não se deixavam calar, mesmo com vários pensadores e toda sociedade declarando “guerra” à autonomia feminina:

[...] A liberdade de espírito, herdada no século XVIII, não fere a moral familiar; esta permanece tal qual a definem, no início do século XIX, os pensadores reacionários como Joseph de Maistre e Bonald. Estes assentam na vontade divina o valor da ordem e reclamam uma sociedade rigorosamente hierarquizada: a família, célula social indissolúvel, será o microcosmo da sociedade. “O homem está para a mulher como a mulher para a criança; ou o poder para o ministro como o ministro para o súdito”, escreve Bonald. Assim, o marido governa, a mulher administra, os filhos obedecem. O divórcio é naturalmente proibido e a mulher é confinada ao lar. “As mulheres pertencem à família e não à sociedade política, e a natureza as fez para as tarefas domésticas e não para as funções públicas” afirma ainda Bonald [...] (BEAUVOIR, 2009, p. 167).

Dessa forma, Bonald deixa claro que a mulher, assim como os filhos, é governada pelo marido e a sua função se restringe somente ao ambiente doméstico, ou seja, cuidar da casa, dos filhos e do marido, respeitando-o como seu chefe natural. Questões sociais não diziam respeito à mulher, era papel do homem se preocupar com questões públicas. Sendo que a maternidade era o compromisso máximo da mulher exigido pela sociedade de seu tempo.

É, nessa atmosfera de submissão e obediência da mulher, que Machado de Assis ambienta os romances supracitados. Entretanto, essa mulher mesmo com a ideologia que determinava seus comportamentos parece “fugir” do estereótipo determinado pela sociedade. As mulheres machadianas mesmo com tantos empecilhos para demonstrar suas vontades, suas iniciativas, suas conquistas frente aos homens... conseguem fazer ouvir suas vozes.

3. Iaiá Garcia

Iaiá Garcia é um exemplo desse tipo de mulher. Uma pessoa forte, corajosa, que, muitas vezes, fugia desse estereótipo da época e ia à busca dos seus objetivos. “Iaiá em nada representa as velhas tradições da sociedade brasileira. Ela age com obstinação e audácia. Não se encontram nela as atitudes refletidas, plácidas, discretas e moderadas de Estela. Seu comportamento é todo petulante e juvenil” (XAVIER, 1986, p.40).

Ela sabia ser submissa, na hora necessária e tinha audácia para fazer valer sua autonomia quando era preciso. Tinha o poder de manipular a todos, era dissimulada, quando queria atingir os seus objetivos.

No trecho a seguir, descreve Iaiá como era no início do livro:

[...] Contava onze anos e chama-se Lina. O nome doméstico era Iaiá. No colégio, como as outras meninas lhe chamassem assim, e houvesse mais de uma com igual nome, acrescentavam-lhe o apelido de família. Esta era Iaiá Garcia. Era alta, delgada, travessa; possuía os movimentos súbitos e incoerentes da andorinha. A boca desabrochava facilmente em riso, - um riso que ainda não toldavam as dissimulações da vida, nem ensurdeciam as ironias de outra idade. Muitos eram os beijos trocados pelo o pai [...] (ASSIS, 2001, p.13, cap.01).

Lendo a descrição de Iaiá quando criança, não teria como prever a mulher forte, dissimulada e audaciosa, ao se tornar uma mulher. A seguir pode-se observar a prepotência de Iaiá, quando ela diz que irá casar com Jorge. Atitude bastante determinada, fugindo assim, daquelas mulheres submissas que casavam de acordo com os seus familiares, ou melhor, o típico casamento arranjado.

- Até quando? Disse ela.
- Até amanhã.
Três minutos depois, Jorge estava na rua. A noite descia rapidamente. Ele não olhou para trás; se olhasse veria a figura de Iaiá envolta já na meia do crepúsculo. Veria mais; vê-la-ia refletir um pouco e espalmar a mão no ar, como uma ameaça, na direção em que ele ia.
Iaiá entrou na casa da doente.
- Seu noivo? Disse esta.
- Já foi.
- Quando é o casamento?
- O dia não sabe. E depois de uma pausa - Mas que se há de fazer é certo. Ou eu não sou quem sou (ASSIS, 2001, p. 164, cap. 13).

Pode ser percebido pelo fragmento acima que Iaiá Garcia não era uma mulher que casaria por conveniência social, ou pelo gosto da sua família. Ela deixava claro que casaria com alguém que ela própria escolhesse, por amor e lutaria com toda determinação para fazer valer a sua vontade.

Iaiá não era uma mulher que esperava pelo o destino, como a maioria das mulheres daquela época. Fugia da submissão, era forte, determinada e lutava para fazer valer a sua vontade e sabia exatamente o que queria.

Observa-se como predominou a sua autonomia:

[...] Moralmente exuberante e forte. Iaiá possuía audácia no sangue, agindo com obstinação para realizar seu projeto de casamento com Jorge, a fim de afastá-lo de Estela e preservar a dignidade de seu lar. Ela reflete a influência moderna, casando-se por amor e não pelo lustre de família. Iaiá é dissimulada, hábil e firme. Em sua conquista amorosa, manipula todas as personagens [...] (XAVIER, 1986, p. 40).

No trecho citado, a personagem Iaiá Garcia, para conseguir o que queria, era capaz de manipular, dissimular e usar toda a sua astúcia.

Iaiá era uma mulher que sabia ser submissa, nos momentos necessários, respeitando assim, os padrões da época, como pode ser percebido no trecho que se segue: “É certo? Ama-me? – Iaiá cingiu-lhe o pescoço com os braços e inclinou a cabeça com um gesto de submissão” (ASSIS, 1997, p.139). Ao dizer a madrasta, que não iria casar com Jorge porque sabia que ela (Estela) o amava, foi uma atitude muito inteligente, pois assim, ela poderia, quem sabe, arrancar da madrasta o que sempre quis ter certeza, ou seja, o que houve entre Jorge e Estela no passado:

- Não posso casar, porque a senhora o ama.
[...] Estela, que estava sentada, ergueu-se de golpe ao ouvir esta súbita e inesperada explicação. Sua face ficou pálida, que o traje de viúva ainda mais empalidecia, tingiu-se de uns longes de vermelho. Podia ser confusão ou indignação. [...] Durante uma pausa relativamente longa, Iaiá não tirou os olhos da madrasta. Essas duas lâmpadas buscavam examinar-lhe, no momento supremo, todos os recantos da consciência e todos os atalhos do passado [...] (ASSIS, 2001, p.198, cap.16).

E assim continua Iaiá com o seu discurso de submissão e de compaixão:

- Não examinemos agora quem foi ou o que foi que me fez adivinhar a verdade, respondeu Iaiá; basta saber que decidi romper o casamento, que o mandei dizer ao Dr. Jorge, e que talvez dentro de poucos dias outra pessoa lhe pedirá minha mão [...].
Estas palavras transtornaram de todo a viúva, que atônita e irritada deu alguns passos na sala, buscando conter a explosão de seus sentimentos. Iaiá foi ter com ela, falou-lhe com brandura e submissão.
- Não se zangue mãezinha, se lhe não disse antes o que fiz agora mesmo; estava certa de que aprovaria, ou me perdoaria, quando menos. O homem de que lhe falo ama-me; e a senhora mesma não rejeitou a idéia de me ver casada com ele [...] (ASSIS, 2001 p.198, cap.16).

Iaiá, com sua dissimulação e astúcia, consegue o que tanto almejava. Estela relata o que houve de fato, entre ela e Jorge. Como pode ser observado no trecho a seguir.

- Vou fazer-te o maior mal que é possível receber na tua idade, disse finalmente Estela. Mas assim o quer; e se alguma razão tens para crer que amo esse homem, é necessário mostrar-te a realidade das cousas. [...] Estela abriu duas ou três gavetinhas da secretária, e depois de alguma busca entre os maços de cartas que aí encontrou, tirou uma, abriu-a e deu- à enteada. Iaiá recebeu-a com as mãos trêmulas de curiosidade; leu-a toda; devia ser a mesma que o pai mostrara à madrasta.
- Essa moça era a senhora? Murmurou ela como se ainda esperasse resposta negativa.
- Era eu.
Iaiá deixou-se cair numa cadeira rasa, a mesma em que Estela estivera sentada, quando ouviu a confidência do marido [...] (ASSIS, 2001, p.202 -203, cap.16).

E assim, Iaiá deu o seu “xeque-mate”, como no jogo de xadrez, com muita paciência, determinação e inteligência, ela conseguiu o que tanto queria e “lutou” durante toda narrativa.

Foi dessa forma que se casou com Jorge por amor como sempre sonhou, fazendo valer a sua vontade e não casou de forma arranjada, como era costume da época.

Outra mulher, que também usou a sua autonomia, nesta obra, foi Dona Valéria, mãe de Jorge. Ela usou a sua autoridade de mãe, para impor ao filho a sua vontade. Ela não respeitou a vontade do filho, passando por cima dos seus sentimentos, simplesmente por preconceito social. No trecho que se segue, pode-se observar a sua determinação.

- Ou ela já o amou ou pode vir amá-lo, dizia consigo. [...] Valéria encarava os dois desenlaces possíveis da situação, se a moça lhe amasse o filho: ou seria a queda de Estela, que a viúva estimava muito, ou o consórcio da solução que repugnava aos sentimentos, idéias e projetos. Jamais consentiria em semelhança aliança. Sua máxima inflexível era - lé com lé, cré com cré [...]. (ASSIS, 2001, p.46, cap.3).

Dona Valéria era uma mulher egoísta e dissimulada, para conseguir os seus objetivos não media esforços. Não há nessa personagem uma submissão e sim autonomia, pois Jorge e Estela foram submissos perante a ela e eles não tiveram coragem de enfrentá-la.

A dor de Jorge é imensa, por sentir que o momento da sua partida está chegando:

[...] Intolerável é a dor que não deixa sequer o direito de argüir a fortuna. O mais duro dos sacrifícios é o que não tem as consolações da consciência. Essa dor padecia-a Jorge; esse sacrifício ia consumá-lo [...] (ASSIS, 2001, p.52, cap. 4).

Dona Valéria, em nenhum momento, respeitou a dor, a vontade do seu filho. Manipulou da melhor maneira possível, usando a sua dissimulação e não mostrando assim, para a sociedade da época, a sua verdadeira intenção.

4. Memórias Póstumas de Brás Cubas

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, pode-se perceber, através da personagem Virgília, que a mulher não era tão submissa. Essa personagem machadiana era uma mulher corajosa, capaz de romper com padrões da sociedade, como trair o marido, que, para a mulher daquela época era uma atitude bastante atrevida, de grande determinação. Virgília não foi uma mulher covarde, que temeu a sociedade, pela sua submissão de mulher e deixou de viver um grande amor. Pelo contrário, além de trair o marido, ela foi capaz de viver um casamento por interesse, pois não abria mão da sua posição social e assim, manteve um casamento por conveniência. Como pode-se perceber abaixo, Virgília passava para o esposo uma imagem de uma mulher perfeita e submissa:

[...] Lobo Neves, a princípio, metia-me grandes sustos. Pura ilusão! Como adorasse a mulher, não se vexava de mo dizer muitas vezes; achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amável, elegante,

austera, um modelo. E a confiança não parava aí. De fresta que era, chegou à porta escancarada. Um dia confessou-me que trazia uma triste carcoma na existência; faltava-lhe a glória pública [...]. (ASSIS, p.101, cap. 58).

Sabe-se, entretanto, que Virgília não era tão perfeita, submissa como imaginava o seu esposo. A seguir, percebe-se isso claramente.

[...] Empunhara o binóculo da imaginação; lobrigava, ao longe, uma casa nossa, uma vida nossa, um mundo nosso, em que não havia Lobo Neves, nem casamento, nem moral, nem nenhum outro liame, que nos tolhesse a expansão da vontade. Esta idéia embriagou-me; eliminados assim o mundo, a moral e o marido, bastava penetrar naquela habitação dos anjos [...].

- Virgília- disse -, eu proponho-te uma coisa.

- Que é?

- Amas-me?

- Oh! Suspirou ela, cingindo-me os braços ao pescoço (ASSIS, 1999 p.107, cap. 63).

[...] Virgília amava-me com fúria; aquela resposta era a verdade patente. Com os braços em meu pescoço, calada, respirando muito, deixou-se ficar a olhar para mim, com os seus grandes e belos olhos, que dava a sensação singular de luz úmida; eu deixei-me estar a vê-los, a namorar-lhe a boca fresca como a madrugada, e insaciável como a morte [...] (ASSIS, 1999 p.108, cap.63).

Percebe-se assim, que Virgília era uma mulher hipócrita, petulante, ambiciosa, interesseira que não abria mão da sua vida social, ao lado de um político bem sucedido, para viver simplesmente um amor. Ela queria sua posição na sociedade, dinheiro e também poder viver um amor, com paixão, mas, em nenhum momento, pensava em abandonar seu casamento, para viver um amor clandestino. Não teve remorso, ao abandonar Brás Cubas, para viver ao lado de Lobo Neves, que era um político bem sucedido. Na realidade, viver esse amor secreto era para Virgília uma ambição de luta e liberdade contra a submissão da classe feminina tão sofrida da época.

Pode-se perceber que Virgília fugia do estereótipo de mulher do século XIX. Fazzaroli (s.d., p.52) assinala que, Viveiros de Castro, em sua obra *Delitos Contra a Honra da Mulher*, aponta que o adultério abalava profundamente a família, sendo a mulher, “uma cera que toma a forma que se lhe dá”. Como se pode perceber Virgília, na realidade, só era uma mulher submissa que seguia as normas da época, apenas na aparência.

Virgília era uma mulher que fazia de tudo para manter o seu casamento e sua posição social. O prestígio de seu marido era algo que ela jamais queria perder. O trecho, a seguir, mostra exatamente o que ela gostava e desejava manter.

[...] O privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino, tudo impele as mulheres a desejarem ardorosamente agradar aos homens. Em conjunto, elas ainda se encontram em situação de vassalas. Disso decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal que o homem a define. Cumpre-nos, portanto, descrevê-

la primeiramente como os homens a sonham, desde que ser-para-os-homens é um dos elementos essenciais de sua condição concreta [...]. (BEAUVOIR, 2009, p.203).

Dessa forma, Virgília sai do perfil da mulher daquele tempo, que era totalmente submissa ao marido, ou seja, aparentemente, ela passa por uma mulher perfeita e submissa, mas, na realidade, ela tem atitudes corajosas de uma mulher à frente de seu tempo.

5. Dom Casmurro

Outro exemplo desse tipo de mulher é Capitu (considerada pela crítica, a principal personagem feminina de Machado de Assis), que, desde moça, demonstra o controle de situações, que, naturalmente, levando em consideração a época representada, o leitor espera que sejam tomadas por um homem, no caso, em questão, por Bentinho. Capitu e Bentinho, quando jovens, estavam a sós no quintal (após Capitu escrever o nome dos dois no chão) e o pai de Capitu indo em direção dos dois pergunta:

- Vocês estão jogando o siso? Perguntou.
Olhei para um pé do sabugueiro que ficava perto. Capitu respondeu por ambos.
- Estávamos, sim, senhor, mas Bentinho ri logo, não agüenta.
- Quando eu cheguei à porta, não ria.
- Já tinha rido de outras vezes; não pode. Papai quer ver?
[...] E séria, fitou em mim os olhos, convidando-me ao jogo. O susto é naturalmente sério; eu estava ainda sob a ação do que trouxe a entrada de Pádua, e não fui capaz de rir, por mais que devesse fazê-lo, para legitimar a resposta de Capitu. Esta, cansada de esperar, desviou o resto, dizendo que eu não ria daquela vez por estar ao pé do pai. E nem assim ri [...] (ASSIS, s/d. p. 39 – 40, cap. 15).

Assim, conforme o trecho destacado, é uma mulher (Capitu) que rege a situação, é ela quem mente para o pai e quer convencê-lo de que estão jogando siso, tomando a iniciativa de convidar Bentinho para a brincadeira. Enquanto que Bentinho não age como líder, o que é esperado para o homem da época, aliás, ele é incapaz de sustentar a mentira da companheira, não conseguindo dissimular um sorriso. Essa atitude de Capitu não é uma atitude de mulher submissa, ela tem voz e autonomia. Em outros momentos Capitu demonstra ser uma mulher que tem iniciativa e que tem controle sobre seu romance com Bentinho, é ela, uma mulher quem “dá as cartas” e consegue dissimular acerca do que ela não deseja que os outros saibam:

[...] Ouvimos o ferrolho da porta que dava para o corredor interno; era a mãe que abria. Eu, uma vez que confesso tudo, digo aqui que não tive tempo de soltar as mãos da minha amiga; pensei nisso, cheguei a tentá-lo, mas Capitu, antes que o pai acabasse de entrar, fez um gesto inesperado, pousou a boca na minha boca, e deu de vontade o que estava a recusar à força [...].
- Mas, Bentinho, que é pronotário apostólico?
- Ora, vivam! Exclamou o pai.
- Que susto, meu Deus! (ASSIS, s/d, p. 82 - 83, cap. 38)

Observe que é Capitu, após não aceitar as investidas de Bentinho, que toma a iniciativa e o beija, atitude talvez que ela desejasse que fosse de Bentinho. Além disso, é ela que mais uma vez disfarça, ao perceber que o pai já está entrando no ambiente, em que os dois se encontram, e finge não esperar sua entrada, reagindo como se levasse um susto. Assim, Capitu, mais uma vez, age com autonomia, dissimulação e criatividade, ao fazer com que situações embaraçadas, que a envolvam, passem despercebidas.

Ainda, no mesmo capítulo, Capitu aconselha seu pai a ir à casa do padre cumprimentá-lo. Pode-se observar, por esta postura, que os interesses de Capitu perpassam o ambiente doméstico. Dessa forma, ela foge (mais uma vez) do estereótipo de mulher definido pela sociedade da época.

Assim, reafirmamos a declaração de Ribeiro acerca de Capitu:

[...] O estereótipo de Capitu como mulher independente e ativa diante dos códigos sociais de sua época planifica a personagem a ponto de esperarem dela as atitudes que de fato toma. Capitu torna-se mais complexa, no entanto, se comparada a Bentinho e ao seu “alter ego” narrador, Dom Casmurro, transcende a figura da mulher moderna: passamos a torcer por ela, mesmo sem saber direito o que ela fez ou não [...] (Ribeiro, s/d. p.57).

Pode-se perceber que Capitu era uma mulher, além do seu tempo. No trecho que se segue, fica claro que, desde moça, Capitu já era bastante atrevida:

[...] O esforço é sentido de construir um perfil, este sim, sinuoso. Ela tem não só idéias atrevidas, aos 14 anos, mas tê-las-a, muito mais atrevidas, mais tarde. E francamente, é genial a idéia que passa do atrevimento teórico e da habilidade prática. Os adjetivos hábil, sinuoso e surdo delineiam um estilo de atuação minilista e de uma competência de profissional. A Capitu de mais tarde já está aí, em potencial e quase pronta [...] (RIBEIRO, Luís Felipe, 2008, p. 234).

Capitu, de acordo com Ribeiro, é uma mulher bastante corajosa para sua época e essa bravura que já aparece, quando moça, ganha proporções cada vez maiores, de acordo com que a personagem machadiana vai amadurecendo.

Em outra situação, é a mãe de Capitu, D. Fortunata, quem determina uma importante decisão do marido com a ajuda de outra mulher: D. Glória; quando o Pádua fora sorteado em um bilhete de loteria com dez contos de réis e teve logo a idéia de comprar um cavalo do Cabo, uma jóia para a mulher, uma sepultura perpétua de família, entre outras coisas:

[...] mas a mulher, esta D. Fortunata [...] é que lhe disse que o melhor era comprar a casa, e guardar o que sobrasse para acudir às moléstias grandes. Pádua hesitou muito; afinal, teve que ceder aos conselhos de minha mãe, a quem D. Fortunata pediu auxílio (ASSIS, s/d, p.41, cap. 16).

Observem que é a mulher quem está sempre ao comando, criando as melhores formas de dar segurança à família (compra da casa). Enquanto Pádua está preocupado em ostentar poder com coisas supérfluas, D. Fortunata está preocupada com o futuro da sua família. Assim, nesse episódio, mais uma vez, é o feminino que determina a situação (D. Fortunata e D. Glória), pois são elas que convencem o Pádua a desistir dos planos, que ele já havia feito para o dinheiro do prêmio.

6. Considerações Finais

Conforme o exposto acima, vale ressaltar que mesmo demonstrando autonomia, as mulheres machadianas ‘transitam’ pela transgressão e voltam. Por exemplo: Capitu é considerada uma mulher com atitudes que não eram comuns para sua época, porém essa personagem vive uma espécie de exílio na Europa e acaba morrendo. Logo depois, morre também o suposto fruto da traição (Ezequiel). Essa morte de Capitu pode ser considerada simbólica, já que ela foge das limitações de mulher determinadas pela sociedade de sua época. Iaiá Garcia era manipuladora e dissimulada, entretanto (como todas as personagens femininas machadianas citadas) se fazia de submissa quando achava conveniente, e, quando era preciso demonstrar autonomia para conseguir seus objetivos, esta era implacável. Virgília apesar de trair o marido, jamais pensava na possibilidade de acabar com o seu casamento, como ditava o seu padrão social.

Sendo assim, as mulheres machadianas analisadas, principalmente Iaiá, Virgília e Capitu são mulheres fortes, determinadas, atrevidas, que faziam valer as suas vontades, porém, elas sabiam ser submissas nos momentos que lhes eram convenientes e não fugiam totalmente do estereótipo de mulher da época.

Referências

ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. 6ª Ed, Editora Record. Rio de Janeiro. São Paulo, 2001.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Edioro, 1999.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. S.ed. São Paulo: Klick editora, s/d.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millet. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FAZZAROLI, Cláudia. **Revista Discutindo Literatura Especial**: Editora Escala nº 01, s/d.

RIBEIRO, Igor. **Revista Discutindo Literatura Especial**: Editora Escala nº 01, s/d.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Mulheres de Papel**. Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. 2ª edição. Rio de Janeiro. Florence Universitária: Fundação Biblioteca Nacional. 2008.

XAVIER, Therezinha Mucci. **A personagem Feminina no Romance de Machado de Assis**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.